
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

ESPAÇOS DE EXCLUSÃO E MEMÓRIA EM NARRATIVAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E CAROLINA MARIA DE JESUS

Sarah Silva Froz¹ (UEMA)
e Silvana Maria Pantoja dos Santos² (UEMA)

RESUMO: A relação entre memória e espaço tem sido explorada por pesquisadores de diversos campos do conhecimento, na literatura em particular, visto que é uma relação que perpassa o indivíduo na sua vivência individual e nas relações sociais. A construção da espacialidade e os modos como os lugares são vivenciados implicam deslocamentos e variam de acordo com a realidade e perspectiva de cada indivíduo. Desse modo, este trabalho objetiva analisar os espaços de memória nas obras *Becos da Memória* (2013), de Conceição Evaristo e *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), de Carolina Maria de Jesus, a fim de compreender como o espaço-senzala presentifica-se no espaço-favela, a partir dos mecanismos de exclusão. O espaço físico é evidenciado nas narrativas aqui investigadas, sendo este representativo da condição social dos personagens, mediada por valores sociais.

PALAVRAS-CHAVE: espaço; memória.; exclusão social..

INTRODUÇÃO

A ocupação da periferia e dos morros dos grandes centros urbanos brasileiros deu-se de forma irregular e teve sua fase inicial a partir do processo de transição gradual da mão de obra escrava para o trabalho livre assalariado. Essa realidade tem suas raízes no contexto da abolição da escravatura, onde não houve um planejamento de políticas públicas voltado à inserção do negro na sociedade. O surgimento das favelas está associado, dentre outras causas, à “derrubada dos cortiços efetuada no Rio de Janeiro, no início do século XX, que removeu a população pobre, predominantemente negra, das áreas centrais da cidade” (MOURA, 2011, p. 10).

1 sarah_froyz@hotmail.com – <http://lattes.cnpq.br/4336482867725621>

2 silvanapantoja3@gmail.com – <http://lattes.cnpq.br/7780498844139228>

temente composta por descendentes de escravos, para os morros das imediações” (Oliveira 2015: 16).

A derrubada dos cortiços na virada do século XIX ocorreu como uma forma de higienização da cidade. Naqueles espaços viviam os excluídos, incluindo descendentes de escravizados e ex-escravos. Para além, disto em “1897, foi justamente naqueles locais que se foram estabelecer, com a devida autorização dos chefes militares, os soldados egressos da campanha de Canudos. O lugar passou então a ser chamado de morro da favela” (Chalhoub 1996: 16). As pessoas que se instalaram nos morros haviam ido ao Rio de Janeiro a fim reivindicar promessas feitas pelo governo aos soldados que lutaram contra os sertanejos liderados por Antônio Conselheiro nos anos de 1896 à 1897, entretanto como não tiveram suas demandas resolvidas, nem meios financeiros para retornar às suas cidades, foram ocupando os morros e estabelecendo moradia. Instalaram-se no morro da Providência em alguns barracos, da mesma forma que o arbusto favela ocupa os morros da região de Canudos. Pelo fato de ocuparem os morros, assim como a planta, é que se passou a chamar esses assentamentos de favela.

Nessa conjuntura, o indivíduo livre despossuído de posses e lugar refugiava-se nos morros, construindo barraco para moradia. Os morros acomodaram as favelas, sendo esses espaços testemunhos de vidas marginalizadas, que presencia as angústias, alegrias e sensações de abandono de seus habitantes. O espaço da favela possibilita ser pensado como continuidade da senzala, apesar de estarmos nos referindo a espaços temporais distintos. Desse modo, este trabalho objetiva analisar os espaços de memória nas obras *Becos da Memória* (2013), de Conceição Evaristo e *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), de Carolina Maria de Jesus, a fim de compreender como o espaço-senzala presentifica-se no espaço-favela, a partir dos mecanismos de exclusão.

A fim de compreendermos a relação de tempo e espaço nos romances analisados, trabalharemos a ideia de cronótopos de Mikhail Bakhtin, nessa visão o tempo e os lugares influenciam nas ações das personagens e impulsionam o enredo (Bakhtin 2014: 211). Dessa forma, através dos cronótopos poderemos compreender a visão e os lugares de fala das narradoras, ou seja, a percepção que elas tem de si e dos outros, isso remete ao dialogismo e a comparação das representações e as vozes das personagens, em direção a uma autocrítica e percepção dos lugares de exclusão que elas estão condicionadas.

O espaço da favela em *Becos da Memória* (2013) de Maria da Conceição Evaristo de Brito é interpretado como moradia das “doces figuras tenebrosas”, um lugar que remete à senzala. O contexto é outro, mas os espaços de segregação para os “negros vadios e bandidos”, considerados “sujos, feios e malvados” continua sendo de exclusão e guetização.

A obra *Becos da Memória* foi escrita em fins de 1987 e início de 1988, entretanto só foi publicado em 2006 com uma pequena tiragem, poucos exemplares custeados pela própria autora. A obra tem como cenário uma favela em processo de demolição,

cujos moradores estão sendo remanejados para outros espaços de exclusão. A favela está localizada em uma grande área de especulação imobiliária, ao lado de um bairro nobre. Na narrativa a comunidade não é nomeada, como também não é especificada a sua localização espaço-temporal.

No título do romance de Conceição Evaristo há uma dualidade: beco é compreendido como menção ao espaço/lugar e como suporte memorial, ou seja, os lugares que guardam memórias que guardam vivências e referências. Ao propormos a relação entre espaço e memória, problematizamos a simbologia que emana da favela, no que se refere às lembranças que se presentificam no espaço. A narradora de *Becos da Memória* reatualiza as recordações das correntes da escravidão e da diáspora, deixando evidente a aproximação da favela com a senzala. Os personagens que habitam a favela são afro-brasileiros, alguns remanescentes do período escravocrata, excluídos e renegados ao espaço suburbano.

Quartos de despejo, da escritora afro-brasileira Carolina Maria de Jesus é lançado no mercado editorial pelo jornalista Audálio Dantas em 1960. Na obra são retratadas as vivências de uma mulher negra, moradora da favela do Canindé em São Paulo entre o período entre 1955 à 1960. A narrativa retrata um Brasil, esquecido, um espaço em que se encontram os excluídos da teia social. O nome quarto de despejo “significa o pior lugar que sobrou para nós negros e negras na sociedade” (Ribeiro 2016: 157).

O termo quarto implica um lugar íntimo, de privacidade, de abrigo e acolhimento, já a palavra despejo remete a algo fora do lugar, que expurga, o que sugere uma incoerência, no entanto a aproximação dos vocábulos passa a ter uma lógica ao sugerir a exclusão de pessoas da conjuntura social que inicia no próprio lugar que habita. “Eu classifico São Paulo assim: O palácio é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (Jesus 2014: 32).

Os espaços de exclusão nos romances em questão são bastante distintos, apesar das duas narrativas terem uma favela como cenário. Na tessitura de Conceição Evaristo o lugar é visto ao mesmo tempo como solidário e em desavença, cuja narradora o classifica de lar das “doces figuras tenebrosas”. Na favela havia “as misérias e as grandezas. Havia o amigo e o inimigo, o leal e o traiçoeiro. Havia muito de riqueza na pobreza, na miséria de cada um” (Evaristo 2013: 29).

Em *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus o espaço é visto como um lugar de ódio e violência, em que não há solidariedade entre os moradores. “Favela é o pior cortiço que existe” (Jesus 2014: 25).

Pensar a concepção de cronótopo nos dois romances possibilita-nos compreender a construção das obras e a ideia das autoras ao tecerem histórias feitas dos resíduos, assim “[n]o romance toda a linguagem é um ponto de vista, uma perspectiva sócio-ideológica dos grupos sociais reais e dos seus representantes personificados” (Bakhtin 2014: 201). Ao estudarmos a favela e a relação que está estabelece com a senzala, estabelecemos uma relação de continuidade, ou seja, “os cronótopos podem se incorporar um ao outro, coexistir, entrelaçar-se, permutar, confrontar-se, opor-se ou encontrar-se nas inter-relações mais complexas” (Bakhtin 2014: 357).

OS ESPAÇOS DE EXCLUSÃO

O sociólogo francês Maurice Halbwachs (2006) pontua que o tempo e o espaço são “localizadores” de memórias, visto que “quando nos lembramos [...] há um contexto de dados tempos reais a que está ligada a essa lembrança de alguma forma” (2006: 124). Nessa conjuntura, entendemos que a memória coletiva implica uma retomada de eventos com participação de um determinado grupo sob a ótica de cada um, ou seja, a partir da memória individual “nossa memória pessoal de dentro é a memória coletiva de fora” (Halbwachs 2006: 73). Ressaltamos que a memória individual não é fechada, nem isolada, logo, precisa da memória do grupo para constituir-se, uma vez que para recordar o próprio passado é necessário ter lembranças de um determinado grupo social um ponto de referência como, por exemplo, memória da infância as quais são possíveis graças ao grupo familiar.

Halbwachs (2006: 73) assevera que as lembranças de cada época das nossas vidas projetam sentimento de identidade. Nessa conjuntura, a memória individual é apenas uma parte da memória do grupo, mesmo quando a memória é aparentemente íntima, ela se viu preservada porque se constitui através do meio social.

Assim, os lugares estabelecem uma relação com a identidade, pois o espaço é guardador de memórias, e são elementos constitutivos, “lugares particularmente ligados a uma lembrança” (Pollak 1992: 201). A memória das personagens apresentadas nos romances analisados se articulam com as do espaço, no que concerne a rememoração, nesse sentido o lugar não é apenas um pano de fundo da diegese mas, também um personagem, visto que o termo favela carrega em si inúmeras problemáticas e estereótipos como agregadora de negros e “vadios”.

Pierre Nora pontua que a memória moderna “é uma registradora que delega ao arquivo o cuidado de ser lembrada por ela e desacelera os sinais onde ela se deposita, como a serpente e sua pele morta” (Nora 1993: 15). O espaço de vivência configura-se como o lugar das experiências cotidianas que remete ao pertencimento, nele estão presentes as simbologias das existências, demarcadoras de identidades:

Lugar implica uma indicação de estabilidade, e o possuir limites, sempre associado a ideia de definição, compreendida não apenas num sentido geográfico, mas principalmente onde está calcada a identidade própria construída ao longo dos tempos. Sendo esta identidade compartilhada com o grupo que nele se encontra. Já o espaço se configura como uma experiência vivida, e onde se exercita e compreende a sensação do pertencimento, nele estão presentes todas as simbologias da existência. (Nascimento 2014: 19)

Em *Becos da memória* (2013) e *Quarto de despejo* (2005), observamos como os lugares das vivências cotidianas são capazes de enquadrar memórias que remetem à identidade dos moradores do lugar. Segundo Simone Schmidt (2013: 19) a senzala se presentifica em *Becos da memória* de duas formas: primeiramente nas lembranças da escravidão, lembrada constantemente pelos personagens, ao ser narrada pelos

“mais velhos” em suas histórias que remetem à infância vivida nas “fazendas, Senzalas, plantações e em enfrentamentos com os sinhôs”. Segundo, no que se refere ao “espaço vivido no romance, a relação da senzala com a favela” que se atualiza na “geografia dos becos onde se vivencia a condição subalterna dos seus moradores” (Schmidt 2013: 19).

Em *Quarto de despejo* a narrativa presentifica-se através das reflexões da narradora ao comparar as vivências dos moradores com as mazelas da escravidão. Em algumas passagens da obra é perceptível a alusão que faz à cor preta do feijão que é negra, assim como a dela. Também faz menção à abolição da escravatura referindo-se ao 13 de maio de 1955 e acrescenta que luta contra a escravidão atual: a fome e a pobreza.

Com o processo de urbanização e modernização das cidades grandes no século XIX, imitando os padrões europeus, foram construídas ruas largas e arborizadas. Com a modernização intensificaram-se os mecanismos de exclusão e higienização das cidades. Assim, foram sendo remanejadas dos lugares de visibilidades as construções irregulares e precárias onde viviam os “feios, pobres e malvados”:

O processo de urbanização das cidades brasileiras por volta do século XIX acompanhava a tendência europeia de construir ruas largas e arborizadas. Com isso foram destruindo ou empurrando para fora do perímetro todas aquelas construções precárias, tais como os cortiços, que “maculavam” o cenário central de importantes cidades brasileiras, principalmente o Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. (Nascimento 2014: 54).

O movimento de modernização das cidades corroborou para o aumento da fronteira entre ricos e pobres: os menos favorecidos passaram a ser excluídos da teia social porque não se “enquadravam/enquadram” no perfil da nova nação que estava sendo gestada: a ideia de um país rico, moderno e próspero. Nessa perspectiva, ainda vivemos no laivo da colonização brasileira, os tentáculos da máquina colonial ainda se sustentam nos *tempos líquidos*, com a relação senhores/escravos, que fora substituída pela relação empregador/trabalhador doméstico.

Bauman (2003: 80) assevera que “o abismo entre os ricos e os pobres, e entre os mais ricos e os mais pobres se amplia ano a ano tanto entre as sociedades como dentro delas, em escala global e dentro de cada Estado”. Desse modo, assim como há distância entre a casa grande e a senzala, há também entre os bairros nobres e os excluídos, permanecendo a relação casa grande e Senzala.

A FAVELA-LAR BECOS DA MEMÓRIA

A espacialidade em *Becos da memória* é marcada pelos caminhos percorridos por Maria Nova. A menina movimenta-se pelas ruelas da favela. Por meio de suas andan-

ças, em meio aos barracos “caídos de branco” conseguimos identificar os lugares de exclusão. No início da narrativa é evidenciada a construção do espaço da favela, é possível visualizar a pobreza, a miserabilidade, “os molambos”, a imundície e a falta de opções que envolve os personagens:

A favela torna-se, para o narrador, um espaço de experiências coletivas, como a constante ameaça do despejo, do desfavelamento, da pobreza e da injustiça, como um espaço encontrado por muitos como a última parada, a última opção, porém também como um espaço de múltiplas experiências e narrativas. (Maringolo 2014:33)

A favela é a última opção dos moradores, visto que já haviam procurando acolhida em outros lugares. Não obtendo êxito, migraram para o espaço de exclusão. A construção da espacialidade e as definições dos lugares de memórias são percebidos através do deslocamento entre as torneiras, a “de cima” e a de “baixo”, mencionado pela protagonista Maria Nova.

Assim, a localização das torneiras possibilita compreender o espaço da favela, uma vez que através do seu deslocamento são apresentadas as ruelas, os becos, bem como as vivências das “doces figuras tenebrosas”. “A torneira de cima” é mencionada como um lugar de sofrimento, angústia e o próprio mistério. Esta fica em frente à casa de Vó Rita e da Outra, uma personagem não nomeada no romance, portadora de hanseníase. Além do preconceito, não recebia os cuidados da saúde pública, por isso isolava-se. Essas personagens são segregadas do convívio com os demais favelados:

E foi pensando no bem de todos que Vó Rita se sacrificou ao acolher a personagem nomeada como “Outra” —portadora de hanseníase e, portanto, rejeitada pela família e toda a vizinhança — para evitar que a Outra fosse banida daquele núcleo sem perspectiva de abrigo ou socorro, Vó Rita a protegeu, e nesse gesto abriu mão de ajudar nos partos e afastou de si o aconchego dos outros irmãos, mas não perdeu o respeito, nem a admiração conquistados por seu imenso coração. (Nascimento 2014: 84)

Há um silenciamento entre os moradores no que se refere às personagens a “Outra” (que não é nomeada) e Vó Rita, principalmente porque a narradora sugere uma relação homoafetiva entre elas. Assim ocultar-se o preconceito com pretextos que reforçam a exclusão das personagens, sobretudo no que tange à dificuldade em aceitar essa subversão dos corpos femininos, ou seja, a lesboafetividade que acaba sendo refletida na doença, como uma forma de ocultamento e silenciamento da relação.

Retomando a questão das torneiras, havia a de “baixo”, cuja localização fica próxima à casa de Maria-Nova, narradora de Becos da memória, que tece os fios soltos da narrativa “lá estavam sempre a criançada amiga, os pés de amora, o botequim da Cema, em que eu ganhava sempre restos de doces” (Evaristo 2014: 28). No entanto, a narradora ressalta que a “torneira de cima” era melhor, pois tinha água em abun-

dância, “fornecia mais água e podíamos buscar ou lavar roupa quase o dia todo. Era possível ali fazer o serviço mais rápido” (Evaristo 2013: 28). Segundo Cátia Cristina Bocaiuva Maringolo, no espaço das torneiras é que são tecidas as narrativas, visto que é lugar guardador de memórias, é nesse lugar que se encontram as histórias de vida “mal vividas”:

O espaço das torneiras é também o lugar onde as narrativas são tecidas pelas mãos ágeis e cansadas das mulheres lavadeiras. Nesse momento de trabalho, essas mulheres narram suas experiências de vida umas para as outras, encontram amparo e ajuda nas sábias palavras das mais velhas e durante algumas horas, apoiam-se em um sentimento de *sisterhood*, onde todas se ajudam mutuamente face às adversidades da vida, face à exploração e à precariedade. (Maringolo 2014: 36)

O trabalho das lavadeiras é descrito na narrativa como uma reminiscência do período escravocrata, cujas mulheres desempenham serviços semelhantes aos das escravas. Por outro lado, pode ser visto como uma forma de empoderamento, uma vez que é através desse trabalho que muitas mulheres conseguem sustentar e criar seus filhos.

No que se refere à relação entre “senzala-favela”, a personagem recorda as histórias contadas pelos mais velhos: as experiências dos ancestrais em fazendas, senzalas, plantações. Ao propormos a ideia dos lugares como cronótopos, nesse particular, da senzala e da favela, percebemos como algumas das situações que ocorriam no espaço tempo da senzala se metamorfoseia na favela, assim tende a se repetir e ter continuidades, estabelecendo um fio condutor na observação do tempo que abrange a autoconsciência das personagens. “Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível, o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história (Bakhtin 2014: 211).

A nova senzala, neste caso as favelas, abrigam sujeitos subalternizados, excluídos dos grandes centros, jogados nos “quartos de despejo” da cidade. No trecho a seguir, Maria-Nova narra a cena passada na escola em que a relação senzala-favela se evidencia:

Duas ideias, duas realidades, imagens coladas machucavam-lhe o peito. Senzala-favela. Nesta época, ela iniciava seus estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho, e como senzala, a favela onde morava. (...) Sentiu um certo mal-estar. Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras e, mesmo assim, tão distantes uma da outra. Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava. Senzala-favela, senzala-favela! (Evaristo 2013: 104)

Evidenciamos como a narradora problematiza a questão da presentificação da senzala, fazendo uma comparação da favela com a senzala, comparando o bairro nobre que ficava ao lado com a Casa-grande. A todo momento na narrativa é focado a imagem da escravidão, do passado da diáspora, assim Simone Schmidt (2013: 19) diz que é uma “literatura que presentifica esta perturbadora relação, Senzala e favela”. Nessa perspectiva, a narradora de *Becos da memória* (2013) reatualiza as recordações das correntes da escravidão e da diáspora, deixando evidente a aproximação da favela com a senzala. “A data não está marcada de forma explícita, mas as histórias das personagens nos revelam um tempo próximo à segunda metade do século XX, com a memória da escravidão ainda bem recente, ouvida e vivida por algumas delas” (Ferreira 2013: 15).

Assinalamos que a escravidão se metamorfoseia e encontra novas formas de senzala, como os barracos das favelas que remetem às “casas” dos negros que ficavam ao lado da casa-grande, a fim de que pudessem sempre estar à disposição dos *donos do poder*. A favela representada em *Becos da Memória* (2013) é um lugar de solidariedade em que os indivíduos, mesmo vivenciando as pobreza e as privações, dividem momentos de felicidade e alegria. Nesse romance, Conceição Evaristo cria uma história para contar a vida de milhares de Marias que vivem em favelas, como, por exemplo, a voz autoral que inicia o romance: “homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela” (Evaristo 2013: 30).

QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA

Carolina Maria de Jesus nasceu em 14 de maio de 1914 em Sacramento, Minas Gerais onde permaneceu até a sua adolescência, cursou apenas os dois primeiros anos do ensino fundamental. Em 1947 mudou-se para São Paulo para trabalhar como empregada doméstica, entretanto a mesma afirma que não era uma boa doméstica e que “preferia catar papel do que ser doméstica porque os patrões nunca estão contentes” (Jesus 1996: 61). Ficou conhecida em 1960 com publicação do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, uma espécie de autobiografia em que descreve as suas vivências e o cotidiano da favela do Canindé, em São Paulo, lugar onde viveu por cerca de nove anos.

Como toda *Cinderela*, a escritora negra, pobre e favelada precisou de uma fada madrinha para lhe ajudar e quem desenvolveu este papel foi o jornalista Audálio Dantas, que editou e publicou cerca de vinte cadernos que formaram o tão sonhado livro de Carolina. Ao ser questionada por Audálio Dantas sobre o que escrevia ela afirma: “[sobre] todas as lambanças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana” (Jesus 2014: 23). Elzira Divina Perpétua pontua que:

A acolhida de *Quarto de despejo* no Brasil fora precedida pelo recebimento da nascente crônica urbana e do jornalismo investigativo – a chamada

reportagem –, que apontavam as disparidades entre o progresso material do país e empobrecimento da população. A cidade de São Paulo era então o centro de maior convergência de problemas sociais motivados pelo desenvolvimento industrial acelerado. A concentração de riquezas fazia da capital paulista uma terra de contrastes, diferente dos outros centros urbanos brasileiros. (2000: 50)

A obra é escrita a partir de uma visão de dentro da favela, uma forma de tentar desconstruir o estereótipo da favela como lugar de “vagabundos, marginais e vadios” e de um espaço insalubre e miserável. A escrita de Carolina Maria de Jesus é de cunho reivindicatório, de denúncia em que relata, de forma crua, as agruras que acometem os “não brancos” na sociedade brasileira. Através das *escrevivências* desta autora podemos perceber como é excludente e difícil ser negro na América branca. Assim *Quartos de Despejo: diário de uma favelada* é:

Escrito por uma mulher negra, favelada, mãe solteira, catadora de papel, vivendo nas margens do tecido social, *Quarto de despejo* expõe, através de uma trama textual que mistura lirismo, crueza, memória e denúncia, uma realidade que poucos brasileiros queriam ver: a de um sistema que promove a opressão dos já despossuídos e marginalizados. A publicação do livro ganha o apoio do jornalista Audálio Dantas, que havia descoberto os “diários” de Carolina na década de cinquenta, escritos em inúmeros pedaços de papel que catava pelas ruas. O livro tem um total de trinta mil exemplares vendidos na primeira edição, chegando à marca dos cem mil, quando da segunda e terceira edições. Além disso, é traduzido para mais de treze idiomas e chega a mais de quarenta países. A tiragem de vendas e seu alcance internacional demonstram o sucesso de mídia e de público que a obra conquistou, por sua narrativa de denúncia, tão conveniente ao contexto dos anos cinquenta e sessenta. Apesar disso, a escrita perturbadora e desafiadora de Carolina de Jesus logo cairia no esquecimento nacional, o que pode ser constatado pelo destino de uma de suas outras obras, *Diário de Bitita*. (ARAÚJO 2007: 34)

Carolina Maria de Jesus escreveu, também dando lugar aos moradores de sua comunidade. Tomando emprestado o neologismo de Conceição Evaristo, podemos inferir que ela fez uma *escrevivência*; sua tessitura é sobre sua condição de mulher negra e favelada.

Carolina Maria de Jesus foi uma moradora de favela, mãe solteira, tendo que sustentar sozinha os filhos, e o trabalho digno que encontrou foi de catadora de papeis. Carolina olha para a favela e estrutura as suas lembranças, apoiando-se no espaço de vivências. Ao pensar a ideia de espaço-tempo na obra, novamente fazemos uso da concepção de cronótopo do encontro de Bakhtin (2014: 223), pois o romance se caracteriza pela gama de possibilidades dos encontros, ou seja, pelos diversos cronótopos. Dessa forma, as memórias da personagem corporificam-se no espaço, em sua existência até ali ignorada pelo universo social. Entretanto, a narradora não se reco-

nhece como parte daquela realidade, não consegue conceber a favela como sua moradia, nem o barraco em que vivia o chamava de lar: “Cheguei na favela: eu não acho jeito de dizer cheguei em casa. Casa é casa. Barracão é barracão. O barraco tanto no interior quanto no seu interior como no seu exterior estava sujo” (Jesus 2014: 47).

Nos escritos de Carolina Maria de Jesus é mostrado um Brasil pobre em que as camadas sociais menos favorecidas economicamente encontram-se em situação de miserabilidade, uma imagem que não é atrelada a ideia das transformações dos anos de 1950, ou seja, o *glamour* das cidades grandes, dos novos automóveis. Em *Quartos de Despejos: Diário de uma favelada* (2014) é exposto outro Brasil, e Carolina Maria de Jesus tem uma consciência política desse não lugar que ocupa. “Eu não gosto do Kubistchek” (Jesus 2014: 78). Em outra passagem a autora relata: “eu tinha fé no Kubistchek”, com o desejo de que o novo governo direcionasse seu olhar para as camadas menos favorecidas (Jesus 2014: 39). Ressaltamos que os anos de 1945 a 1961 são de intensa modernização do Brasil, é nesse período que se encontram as obras de Carolina Maria de Jesus, iniciada a sua produção em 1955. Assim. “as narrativas da escritora trazem a marca de um sujeito desterritorializado que sofreu efeitos mais duros do processo de modernização e transformação que o Brasil viveu naquele momento” (Souza 2016: 24).

São Paulo do início do século XX conservava ainda um pensamento escravocrata, associava o trabalho desenvolvido pelos afro-brasileiros ao escravo, e os imigrantes de outras regiões do globo tais como italianos, franceses, libaneses, árabes dentre outros, ao trabalho livre, dificultando a entrada dos negros ao mercado formal de trabalho. “Quando Carolina Maria de Jesus chegou à cidade de São Paulo em 1937, deparou-se com uma realidade social e econômica em transformação” (Silva 2016: 15). A autora chega a São Paulo na década de 30 do século XX aos 33 anos, vivenciou o período do Estado novo, o qual é implantado pós revolução de 1930, e a transição democrática vivendo no período dos ditos governos populistas tais como o político Adhemar de Barros, tão criticado em *Quartos de despejo* (2014).

Carolina Maria de Jesus diz: “Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo” (2014: 33). As mulheres negras e pobres são excluídas da teia social e postas para fora da sociedade, logo, é mais cômodo mantê-las fora do alcance de visibilidade. “É como se, para nós, o destino fosse o ‘lixão’, com os ratos, baratas, esgoto a céu aberto, entre outras agruras que enfrentam os desprovidos de qualquer condição digna de vida” (Ribeiro 2016: 157).

Assim, o discurso literário das mulheres afro-brasileiras é permeado por repetições, que ecoam por toda a sua tessitura, o qual acreditamos ser uma forma de lembrar e não deixar a ferida cicatrizar, para que não esqueçamos os anos de subjugação aos quais, por séculos, as mulheres negras foram submetidas. Nesta perspectiva, ressaltamos o pensamento de Michelle Wallace (1994), que assinala que apesar de haver avanços na representatividade da mulher negra nos lugares de visibilidade, é preciso ter em mente que ainda há um grande caminho a ser percorrido, visto que, em geral, não são narradoras da sua própria história, ou seja, a “produção cultural de

mulheres negras deve ser vista como uma forma de discurso da minoria pós-colonial” (Wallace 1994: 67).

Diferente da favela retratada por Evaristo que simboliza um lugar de solidariedade, amizade, a favela do Canindé de Carolina de Jesus é cruel e violenta. “Eu sou da favela do Canindé. Sei cortar de gilete e navalha e estou aprendendo a manejar a peixeira. Um nortista está me dando aulas. Se vai me bater pode vir” (Jesus 2014:82). A narradora ressalta que “a única coisa que não existe na favela é solidariedade” (Jesus 2014: 25).

A narradora vê o seu espaço como o pior lugar para se viver: “Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. Quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (Jesus 2014: 37). Ela ressalta que nesse espaço só vivem negros: “comeram e não aludiram, a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia” (Jesus 2014: 43).

A narrativa pontua que ainda se vive no laivo da escravidão “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome” (Jesus 2014:30). Mudaram-se os nomes, mas os negros ainda estão presos às terríveis correntes do preconceito racial e, conseqüentemente, do poder econômico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita de Carolina Maria de Jesus, assim como a de Conceição Evaristo é de cunho reivindicatório, de denúncia em que relata, através de suas escrituras, as agruras dos espaços de exclusão.

Nas narrativas são evidenciadas a construção do não lugar ocupado pelos afro-brasileiros. Percebemos como os lugares de exclusão, como a favela, continuam sendo um laivo da senzala. Desse modo, as escritoras negras em questão, por meio do literário, reivindicam visibilidade a esses lugares, numa tentativa de subverter a ordem.

O espaço da favela é interpretado como uma ressignificação da senzala, ou seja, os nomes mudaram, mas os espaços determinados para os negros considerados sujos, feios e malvados continuam sendo de exclusão. Ressaltamos que, do mesmo modo que Conceição Evaristo prefere o termo favela em vez de comunidade, também adotamos essa nomenclatura, pois acreditamos que a mudança dos termos não altera a realidade social dos indivíduos que vivem nas periferias e isso não lhes concederá liberdade dos grilhões da discriminação e opressão que vivenciam.

Dessa forma, percebemos que os barracos, os casebres, as ruas e os becos guardam as lembranças e as memórias dos moradores das favelas retratadas em *Becos da memória* e em *Quartos de despejo: diário de uma favelada*, indivíduos pobres e negros que carregam essa dupla marca de exclusão de classe e raça. Percebemos que

a representação que emana da favela como uma continuidade da senzala visto, que essa é povoada em sua grande maioria por negros e negras. Portanto, a escravidão se metamorfoseia e encontra novas formas de Senzala, como os barracos das favelas que remetem as “casas” dos negros que ficavam ao lado da Casa-Grande a fim de que pudessem estar à disposição dos “donos do poder”.

OBRAS CITADAS

ARAÚJO, Flávia Santos de. *Uma escrita em dupla face: a mulher negra em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo*. 2007. UFPB, Dissertação (Mestrado em Letras). Disponível em http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2012/11/images_Flavia.pdf.

BAKHTIN, M. Formas de tempo e de cronótopo no romance: ensaios de poética histórica. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. São Paulo: Hucitec, 2014, pp. 211-362.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CHALHOUB, S. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 2º ed. Florianópolis: Ed. Mulheres. 2013.

FERREIRA, Amanda Crispim. *Escrevivências, as lembranças afro-femininas como um lugar da memória afro-brasileira: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Gení Guimarães*. 2013. UFPB, Dissertação (PPG em Letras). Disponível em http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-95BHK/disserta__o__amanda_crispim_ferreira.pdf?sequence=1

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

JESUS, Carolina Maria de. *Meu Estranho Diário*. São Paulo: Xamã, 1996.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2014.

MARINGOLO, Cátia Cristina Bocaiuva. *Ponciá Vicêncio e Becos da Memória de Conceição Evaristo: construindo histórias por meio de retalhos de memórias*. 2014. Unesp (Araraquara), Dissertação (Mestrado em Letras). Disponível em <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/115842/000810186.pdf?sequence=1>

NASCIMENTO. *Espaço e heterotopias nas obras de Conceição Evaristo e Gení Guimarães*. 2014. UFJF, Tese (PPG em Estudos Literários). Disponível em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/731/1/deniseaparecidadonascimento.pdf>

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História* (São Paulo) n. 10, pp. 7-28, dez. 1993. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>

OLIVEIRA, Margarete Aparecida de. *Narrativas de favela e identidades negras: Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo*. 2015. UFMG, Dissertação (mestrado). Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECAP-9XZGYQ>

PERPÉTTUA, Elzira Divina. *Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de despejo*. 2000. UFMG, Tese (Doutorado em Literatura Comparada).

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos* (Rio de Janeiro), v. 5, n. 10, pp. 200-212, 1992. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>.

RIBEIRO, Esmeralda. Dois textos para auto contemplar-se. *A escritora afro-brasileira: Ativismo e arte literária*. Duke Daw (org.). Belo Horizonte: Nandyala, 2016, pp.156-165.

SCHMIDT, Simone Pereira. *A força das palavras, da memória e da narrativa*. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Florianópolis: Mulheres, 2013.

SOUZA, Alessandra Araújo. *Do Quarto de Despejo à Sala de Visita: experiência narrativa nos diários de Carolina Maria de Jesus (1955-1961)*. 2016. UFPB, Dissertação (PPG em História). Disponível em <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9606/2/arquivototal.pdf>

WALLACE, Michele. *Imagens Negativas: para uma crítica cultural feminista negra*. *Revista de Estudos Feministas* (Florianópolis), vol. 2, n. 3, pp. 65-92, 1994. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16290/14831>

EXCLUSION AND MEMORY SPACES IN THE NARRATIVES BY CONCEIÇÃO EVARISTO AND CAROLINA MARIA DE JESUS

ABSTRACT: The relationship between memory and space has been explored by researchers in various fields of knowledge, in particular literature, since this is a relationship that pervades the individual through his/her individual experience, as well as in social relations. The construction of spatiality and the ways in which places are experienced imply displacements and vary according to the reality and perspective of each individual. In this context, this study aims to analyze the memory spaces in the works *Memory alleys* (2013), by Conceição Evaristo, and *Eviction room: diary of a favelada* (2014), by Carolina Maria de Jesus, in order to understand how the senzala space presents itself in the favela space, from mechanisms of exclusion. The physical space is evidenced in the narratives investigated herein, representative of the social condition of the characters, mediated by social values.

KEYWORDS: space; memory; social exclusion.

Recebido em 13 de outubro de 2017; aprovado em 2 de junho de 2018.